

As nuances do uso da dêixis espacial em Changana

Rosário Inácio Cumbane *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-9172-9192>

RESUMO

É um facto concluir que a efetivação de um acto comunicativo, ou seja, para que um contexto comunicativo tenha lugar é necessário que haja uma combinação perfeita entre aspectos ligados a pessoa, ao tempo, ao espaço e ao contexto de enunciação. No entanto, é através dos dêicticos que se organiza o discurso, de tal forma que, havendo uma apropriação da linguagem através dos dêicticos, o locutor marca a sua presença, implanta o seu interlocutor, o espaço e o tempo num contexto comunicativo. Nestes termos, o pressuposto subjacente à pesquisa é de que os falantes do Changana, língua bantu falada em Moçambique e na África do Sul, possuem um mecanismo para indicar/apontar objectos com maior ou menor afastamento em relação ao interlocutor. E, este se coloca no seu próprio ponto de vista (centro dêictico) e estabelece a si próprio como referencial para as coordenadas de espaço e tempo. Neste estudo qualitativo e descritivo pretende-se analisar os processos morfológicos, semânticos e pragmáticos que se operam na utilização dos dêicticos espaciais no seio dos falantes do Changana.

PALAVRAS-CHAVE

Dêixis; Dêixis espacial; Demonstrativos e Advérbios

Aswilo swi endlekaka ematirhisene ya deksisi ya tindau (dêixis espacial) hi Xichangana

NKOMISO

I ntyiso lesvaku akuva vanu vatwanana aku khulumeni kumbi akuva kutavani kutwanana eku khulumeni,ku laveka ku lulamisiwa hi ntsima ntima amuvulavuli, nkama lowu a vulavulaka hawona,ndhau leyi ha vulavulaka ni matsamelo ya uvulavuli. Hikola kama Deksisu ku lulamisiwaka awuvulavuli, hilani muvulavuli atikumaka nateka lirimi hikonani ka ma Deksisu, muvulavuli atikombekisa, akombekisa musingu seti wakwe, ndhau leyi ha vulavulaka ni matsamelo ya uvulavuli. Naswilitanu, amapimu mafamisaka adjonzu leyi, hileswaku vulavuli va Xichangana lirimi livulavuliwaka Musambiki ni Afrika-Dzonga vani ndlela leyi va yitirhisaka ku xungeta swilo swinga kule kumbi kusuhi ni lweyi a vulavulaka mahelanu ni lweyi a vulavulaka na yena. I lweyi a tiveka ndau ya yena (xikari ka uvulavuli), ativeka xikari ka ka nzelekanu ya ndau ni nkama. Ka djonzo leyi ya ku lhautela ni ku swilhahetela, hi lava ku kambela swilo swi endlekaka ka maritho ematirhileseleni ya Deksisu Ya tindau xikari ka vavulavuli va Xichangana.

MARITO-MPFUNGULU

Deksisu; Deksisu Ya tindau; Mademonstrativo ni Madverbo

* Doutorando em Linguística (Universidade Eduardo Mondlane) e Mestrado em Linguística pela UEM (2017), Licenciado em Ensino de Língua inglesa pela UEM (2010). Docente de língua inglesa na Escola Secundária de São Dâmaso. Docente de Linguística e Língua Inglesa na Universidade Aberta ISCED – (UNISCED). Tradutor de Inglês/Português - Português/Inglês. Dos artigos publicados destaca-se o intitulado: “O uso da dêixis pessoal como marcador de respeito: o caso do Changana, língua transfronteiriça”, este em co-autoria do professor Bento Siteo, publicado na Njinga & Sepé em 2022. E-mail: rosariocumbane@gmail.com

The nuances of using spatial deixis in Changana

ABSTRACT

It is a fact that in order for a communicative act to take place there must be a perfect combination of aspects related to the person, time, space and context of enunciation. However, it is through deictics that discourse is organised, in such a way that, by appropriating language through deictics, the speaker marks their presence, establishes their interlocutor, space and time in a communicative context. In these terms, the assumption underlying the research is that speakers of Changana, a Bantu language spoken in Mozambique and South Africa, have a mechanism for indicating/pointing to objects with greater or lesser distance from the interlocutor. The speaker places himself in his own point of view (deictic centre) and establishes himself as the reference point for the coordination of space and time. The aim of this qualitative and descriptive study is to analyse the morphological, semantic and pragmatic processes involved in the use of spatial deictics among Changana speakers.

KEYWORDS

Deixis; Spatial Deixis; Demonstratives And Adverbs

Introdução

A dêixis é um fenómeno universal e cada língua tem um conjunto de expressões deícticas utilizadas para indicar os elementos do contexto discursivo incluindo o tempo e o local onde ocorre o evento comunicativo. Os exemplos concretos são demonstrativos, pronomes pessoais, tempos gramaticais, lugares, advérbios de tempo e alguns verbos de movimento como ir e vir. Para Cavalcante (2000), a dêixis é um termo da área da semântica, é de origem grega, com uma tradução latina que remete à noção do uso dos demonstrativos e que, por conseguinte, denota um acto de apontar ou assinalar com dedo. No âmbito da linguística moderna, em particular na área da semântica enunciativa e da pragmática, a dêixis é vista como uma propriedade linguística discursiva, que faz com que o sentido do objecto apontado seja actualizado a partir do papel que os sujeitos desempenham ou a sua posição no espaço e no tempo num contexto comunicativo (ibidem).

Como um ponto de partida para a nossa reflexão queremos concordar que o deíctico demonstrativo *lani* 'aqui' não é fixo tomando-o como um elemento linguístico, é também verdade que *lani* 'aqui' tem um significado fixo, quando considerado "lugar onde se encontra ou próximo do locutor". Podemos ainda concordar que o espaço onde o locutor se encontra não é sempre o mesmo, nem o locutor que diz *lani* 'aqui' é sempre o mesmo. É por essa razão que podemos referir que um dos princípios veiculados pela dêixis é o de que os seus elementos ganham significado dentro de um contexto discursivo em questão.

Dentre vários elementos linguísticos e metalinguísticos usados na produção de um discurso, os deícticos são umas das ferramentas mais necessárias para a construção de um sistema de coordenadas enunciativas que sustentam a interação. Se para nos comunicarmos, há necessidade de falarmos de nós e com os outros, dentro de um contexto temporal e espacial, estes elementos são cruciais para a efectivação de qualquer tipo de acto comunicativo. Este estudo é de natureza qualitativa e com um cunho descritivo, pretende-se nele analisar os mecanismos que os falantes do Changana usam para indicar/apontar objectos com maior ou menor afastamento em relação ao interlocutor, descrever os processos morfológicos, semânticos e pragmáticos que se operam na utilização dos deícticos espaciais no seio dos falantes do Changana.

1. Metodologia de investigação

Para além de consulta bibliográfica que consistiu em rever o material escrito que versa sobre o tema em estudo, recorreremos ainda ao método de **introspecção**, uma trata-se de uma situação em que o próprio investigador estuda a sua língua tal como ele a conhece. O método **introspectivo**, consiste, segundo Ngunga (1998) no uso, pelo investigador, do seu conhecimento intuitivo da língua, para trazer elementos que possam enriquecer a análise de dados, no estudo. Assim, como falantes nativos da língua em estudo, fizemos apelo à nossa competência linguística e comunicativa no processamento e na análise de dados recolhidos.

Relativamente a recolha de dados, fizemos a **Elicitação** aos informantes falantes do Changana, e consistiu na descrição de um cenário esboçado ilustrando três dimensões de distância para explorar o uso da dêixis espacial usando o modelo proposto por David Wilkins, "**Demonstrative Questionnaire**". Esta actividade consistiu na apresentação de vários cenários ilustrando o locutor, interlocutor e o referente a ocupar diferentes posições de modo a perceber o funcionamento da dêixis espacial nesta língua e entrevista.

O estudo envolveu 8 falantes do Changana seleccionados através de uma amostragem aleatória simples. Trabalhamos com informantes residentes no Chókwé, província de Gaza. Todos os informantes têm o Changana como L1 e usam-no diariamente na comunicação e na interacção. Além do Changana, todos informantes comunicam-se em Português, principalmente nos seus postos de trabalho. Neste estudo, optamos pelos informantes residentes nas zonas afastadas da cidade para evitar a

mistura do Changana com outras línguas de modo a buscar dados aparentemente “fiáveis” no que concerne a dêixis espacial.

No que concerne a faixa etária, a maior parte dos informantes possui entre vinte e oito (28) e cinquenta e cinco (55) anos de idade. Olhando para estas idades pode-se notar que são falantes adultos e aparentemente com um bom domínio da língua em estudo. O nosso *corpus* é constituído por dados recolhidos em 8 informantes através da entrevista e cenários de **Elicitação**. Os dados foram seleccionados do *corpus* descrito e foram analisados de maneira qualitativa descrevendo e explicando o fenómeno em estudo neste trabalho.

2. Dados sobre Changana

Sitoe e Ngunga (2000) referem que a língua changana é falada por cerca de 1.423.327 habitantes em Moçambique conforme os dados do Censo Populacional de 1997. Em termos de variações dialectais, Sitoe e Ngunga (2000) consideram que a língua changana possui 5 variantes, nomeadamente **(1)** Xihlanganu, variante falada a sudoeste de Moçambique, nos Montes Libombos, abrangendo parte dos distritos de Namaacha, Moamba e Magude. **(2)** Xidzonga ou Xitsonga, variante falada no distrito de Magude, Bilene e parte de Massingir. **(3)** Xin'walungu, variante falada no distrito de Massingir. **(4)** Xibila, falada no distrito de Limpopo e parte do distrito de Chibuto. **(5)** Xihlengwe, variante falada nos distritos de Xai-Xai, Manjacaze, Chibuto, Guijá, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculo e Govuro.

3.Noção da dêixis

Para Cavalcante (2000), a dêixis é um termo da semântica etimologicamente herdada dos gregos e traduzida para o latim, ligada à noção do uso dos demonstrativos e que significava um apontar, um assinalar com dedos e por sua vez, Cervoni (1989) define os deícticos como signos que remetem à sua enunciação e acrescenta ser impossível atribuir-lhes um referente se não conhecemos, como participantes, os actores e o âmbito espaço-temporal da enunciação.

Lahud (1979) advoga que o significado dos deícticos não se restringe a uma descrição puramente dita dos mesmos e acrescenta, dois significados para esses elementos: um variável, pela relação existencial com o objecto que designa, e outro constante, pelo seu carácter convencional. Por seu turno, Fonseca (1992) refere que o

papel fundamental que a dêixis representa na construção da significação linguística baseia-se na impossibilidade deste tipo de significação se concretizar sem a referência concreta num acto de enunciação.

3.1. Dêixis espacial

Para Bühler (1934), a dêixis espacial assinala os elementos espaciais, tendo como ponto de referência o lugar em que decorre a enunciação. Ou seja, evidencia a relação de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo locutor. Para Ehlich (1982), a dêixis tem por base a orientação cognitiva do locutor/interlocutor para um determinado referente. As expressões que codificam a experiência espacial dos falantes são: pronomes demonstrativos, utilizados para referir a objectos no contexto físico em função de sua proximidade ou afastamento em relação aos falantes, advérbios que designam localização em relação a algo ou alguém presente no contexto físico e verbos deícticos de movimento *ibidem*.

3.2. Demonstrativos

Siteo (2011) define os demonstrativos como sendo palavras que indicam o lugar ocupado pelo objecto ou pessoa em relação ao locutor. Para Ngunga (2004) os demonstrativos são palavras que servem para apontar, indicar, mostrar objectos, seres ou eventos. Cunha & Cintra (2008: 342) afirmam que, “os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou à coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podendo situá-las no espaço e no tempo.” Ainda para esses autores, os pronomes demonstrativos são caracterizados fundamentalmente pela sua função deíctica. Para Bechara (2004: 167), os pronomes demonstrativos “indicam a posição dos seres em relação às pessoas do discurso. Essa localização pode ser no tempo, no espaço ou no discurso.”

(1)

Avatsongwana lava i vana vamakwerhu. ‘Estas crianças são filhos do meu irmão.’

O demonstrativo *lava* ‘estes’ (cl 2) no exemplo (1) aponta para crianças que estão perto da pessoa que fala (locutor).

(2)

Movha lowo i wa Beto. ‘Esse carro é do Beto.’

O demonstrativo **lowo** ‘esse’ (cl 3) no exemplo (2) aponta um carro que está longe da pessoa que está a falar (locutor) mas perto da pessoa com quem está a falar (interlocutor).

(3)

*Xikhwa **lexiya** i xa kokwani?* ‘Aquele faca é da avó?’

O demonstrativo **lexiya** ‘aquele’ (cl 7) no exemplo (3) refere-se a uma faca que está longe dos interlocutores. Ngunga (2012) considera que em termos de relação gramatical que estabelecem com o nome, os demonstrativos são dependentes do nome. Em Changana, os demonstrativos não só servem para mostrar a distância relativa entre o locutor e a coisa da qual se fala mas também servem para mostrar a classe a que essa coisa pertence.

Em outras palavras, podemos dizer que os demonstrativos, nesta língua, para além de indicar espaço, morfologicamente assumem a marca da classe nominal das entidades a que se referem. Os demonstrativos levam a marca de concordância do nome a que se referem. Esta marca de concordância nem sempre é “cópia” do prefixo nominal. Por outro lado, a marca de concordância é que se funde ao selector demonstrativo como pode ser visto nos exemplos abaixo.

(4)

a. *murhi lowu.* ‘este remédio.’ (cl.3 mu)

b. *mirhi leyo.* ‘esses remédios.’ (cl.6 mi)

Entretanto, refira-se que os prefixos que constam da tabela 5 abaixo podem assumir diferentes realizações de acordo com vários factores. No caso dos demonstrativos, depende da distância a que o objecto se encontra em relação ao locutor, interlocutor, ao objecto de que se fala e todos os intervenientes num processo comunicativo. Os demonstrativos são caracterizados pela presença do **-l-** invariável que é o radical demonstrativo, o núcleo que vai receber o sufixo resultante da fusão da marca de concordância e o selector demonstrativo.

Quadro 1: Demonstrativos

DEMONSTRATIVOS						
Classes Nominais	Selector 1 (∅) - Indica que a(s) pessoas ou objecto(s) da(s) do(s) quais se fala está ou estão perto do locutor ou do interlocutor		Selector 2 (-o) - Indica que a(s) pessoas ou objecto(s) da(s) do(s) quais se fala está ou estão próximo do interlocutor		Selector 3 (-ya) - Indica que a(s) pessoas ou objecto(s) da(s) do(s) quais se fala está ou estão longe do locutor e do interlocutor	
	Changana	Português	Changana	Português	Changana	Português
1.mu-	Lweyi	este/esta	lweyo	esse/essa	Lwiya	aquele/aquela
2.va-	Lava	estes/estas	lavo	esses/essas	Lavaya	aqueles/aquelas
3.mu-	Lowu	este/esta	lowo	esse/essa	Lowuya	aquele/aquela
4.mi-	Leyi	estes/estas	leyo	esse/essas	Liya	aquele/aquela
5.ri-	Leri	este	lero	esse	Leriya	aquele
6.ma-	Lawa	estes/estas	lawo	esses/essas	Lawaya	aqueles/aquelas
7.xi-	Lexi	este/esta	lexo	esse/essa	Lexiya	aquele
8.svi-	Lesvi	estes/estas	lesvo	esses/essas	Lesviya	aqueles/aquelas
9.yi (n) -	Leyi	este/esta	leyo	esse/essa	Liya	aquele/aquele
10.ti (n) -	Leti	estes/estas	leto	esses/essas	Letiya	aquele/aquela
11.ri-	Leri	este/esta	lero	esse/essa	Leriya	aquele/aquela
14.vu-	Lebzi	este	lebzo	esse	Lebziya	aquele
15.ku-	Loku	este	loko	esse	Lokuya	aquele
17.ku-	Loku	este	loko	esse	Lokuya	aquele
21.ji-	Leji	este	lejo	esse	Lejiya	aquele

Fonte: Adaptada de Siteo (1996)

4. Concordância dos demonstrativos

(5)

Timbuti leti. 'Estes cabritos.'(cl 10)

O exemplo em (10) ilustra por um lado, que o demonstrativo leti 'estes' aponta para entidade próxima do locutor. Por outro lado, pode-se notar que há concordância entre o

nome que se refere e o demonstrativo: No exemplo em (5), a marca de concordância do nome *timbuti* (cl 10, **ti**) é **ti**.

(6)

(a) ***T**imbuti lowu

(b) ***T**imbuti leyi

A agramaticalidade nas frases (6a,b) resulta de facto de não existir uma concordância entre o nome e o demonstrativo. Neste exemplo vertente, a marca de concordância do nome *timbuti* (cl 10, **ti**) é **ti**.

(7)

movha lowo ‘**esse** carro’

O exemplo (7) mostra que o carro que o locutor faz referência, encontra-se próximo dele, é por isso que ele usa o demonstrativo **lowo**. Este exemplo, mostra ainda que há uma concordância em classe. O contrário causa agramaticalidade, exemplos (8a,b).

(8)

(a) *movha leyi

(b) *movha leto

(9)

vayivi lavaya ‘aqueles ladrões’

Em (9), o exemplo mostra que os interlocutores encontram-se a uma distância afastada da entidade a que eles referem (*vayivi*), é por esta razão que usou-se o demonstrativo **lavaya**. Para além desta constatação, verifica-se também a concordância entre o nome e o demonstrativo. A má combinação entre o nome e o demonstrativo causa agramaticalidade tal como mostra o exemplo abaixo.

Exemplos:

(10)

(a) ***v**ayivi lwiya

(b) ***v**ayivi lesviya

De acordo com Ribeiro (1965), os demonstrativos podem variar as terminações para indicar os lugares mais ou menos afastados relativamente as pessoas que falam. Essa variação inclui também o alongamento da vogal final. Esta estratégia usada pelos falantes do Changana é para mostrar que a distância dos interlocutores em relação à coisa de que se fala é maior relativamente a primeira.

(11)

Anivuli xigodo **lexiya** xamangi, nakona anivuli **lexiyaa** xankanyi, kambe nivula **lexiyaaa** xankanju.

‘Não refiro aquele tronco de mangueira, nem tão pouco aquele mais além de canhueiro mas sim aquele muito mais além, de cajueiro.’

O exemplo em (11) mostra que a distância onde se encontra a coisa da qual se fala pode ser alongada ou graduada através de alongamento da vogal final em Changana. Neste caso vertente, podemos ver que o locutor da frase tem três distâncias distintas, para mostrar a diferença de afastamento entre xigodo ‘tronco’ e ele (quem fala) e seu interlocutor. Alongou o “a” em *lexiya*, tendo como resultado *lexiyaa* e *lexiyaaa*, respectivamente.

5. Demonstrativos reforçados ou enfáticos

Ribeiro (1965) faz menção a demonstrativos reforçados referindo que esses servem para dar mais intensidade e maior vigor à demonstração. Este autor refere que estes demonstrativos são formados antepondo aos demonstrativos simples os pronomes pessoais absolutos (sem a partícula estabilizadora *-na*).

Ngunga et al (2012) usa o termo demonstrativo enfático para designar os demonstrativos reforçados. Para este estudioso, as formas enfáticas são formadas prefixando-se o morfema de concordância do nome ao respectivo demonstrativo, como se pode ver na tabela abaixo. Ngunga et al (2012) refere ainda que a vogal do prefixo de concordância afixado ao demonstrativo cede lugar a um /o/ em todas as ocorrências excepto quando o nome referido é da classe 1. Nestes casos, ao invés de /o/, a vogal é /e/.

A partir das discussões feitas, podemos concluir que, em Changana, o demonstrativo reforçado ou enfático é formado prefixando-se o pronome absoluto sem a partícula estabilizadora *-na* ao demonstrativo simples, como se pode ver nos exemplos do quadro abaixo:

Quadro nº 2: **Demonstrativos reforçados ou enfáticos**

Pronomes pessoais absolutos	Demonstrativos simples	Demonstrativos reforçados	Tradução
Yena	lweyi	Yelweyi	este/a mesmo/a
Tona	leti	Toleti	estes mesmos
Rona	leri	Roleri	este/a mesmo/a
Wona	lowu	Wolowu	este mesmo
Xona	lexi	xo/lexi	esse mesmo
Yena	lwiya	Yelwiya	aquele mesmo

Fonte: Adaptado do Ribeiro (1965)

A tabela dos demonstrativos reforçados pode ainda ser extensa mas o objectivo aqui era apenas mostrar que este fenómeno ocorre nos demonstrativos. Em termos do funcionamento, os demonstrativos reforçados operam obedecendo também as regras dos demonstrativos simples em termos de concordância com o nome a que se referem.

Exemplo:

(12)

a. Ninyiketi **xikom** **xolexo** kusuhi na wena.

'Entrega-me essa enxada (mesmo) a teus pés.'

b. *Ninyiketi **xikom** wolow**o** kusuhi na wena.

c. *Ninyiketi **xikom** svoles**vo** kusuhi na wena.



O exemplo em (12a) mostra em primeiro lugar que com este tipo de demonstrativos há maior objectividade no que tange a localização do objecto e no caso vertente, a enxada. O locutor já percebeu que o seu interlocutor identificou a enxada a que se refere, faltando apenas uma confirmação. Em segundo lugar, nota-se também que o critério de concordância vigora, caso contrário, resultaria numa agramaticalidade originada pela discordância entre o demonstrativo e o nome que este refere (enxada) tal como ilustram os exemplos em (12b,c).

6. Deícticos demonstrativos

A presente secção dedica-se à análise dos deícticos demonstrativos. Importa aqui referenciar que existem três posições que o objecto apontado pode ocupar em relação à pessoa que fala (locutor).

a) Aquela em que o objecto apontado ou indicado está próximo do locutor e os demonstrativos caracterizam-se pela presença do radical **-l-** que recebe a marca de concordância do objecto apontado ou indicado afixada ao selector demonstrativo. Este selector 1 tem o morfema zero (\emptyset) e assinala objectos ou pessoas junto do locutor ou dos interlocutores. Neste caso, os deícticos demonstrativos apresentam-se na forma canónica. O centro deíctico e o morfema zero mostram que tudo de que se fala tem como ponto de referência este centro, por isso não há necessidade de se marcar este demonstrativo.

b) Aquela em que o objecto indicado ou apontado está perto do interlocutor. Neste caso, para além do radical **-l-** e da marca de concordância, o demonstrativo exhibe o selector 2 (**-o**).

c) Aquela em que o objecto apontado ou indicado não está próximo do locutor nem do interlocutor. A característica principal é a presença do selector 3 (**-ya**).

(13)

a. Ninyiketi **ribze leri**. (Cl.5) 'Entrega-me esta pedra.' (pedra 1)

b. Ninyiketi **ribze leriya**. 'Entrega-me aquela pedra.' (pedra 2)

c. Ninyiketi **ribze leriya**. 'Entrega-me aquela pedra mais além.' (pedra 3)

Em (13a), para além da marca de concordância em **ribze** 'pedra' afixado no deíctico **leri**, o locutor usa esse deíctico para apontar para uma pedra que está próximo dele como atesta a figura (pedra 1) e o morfema usado como selector 1 é zero (\emptyset).

Em (13b), o exemplo mostra que existe um afastamento da pedra em relação aos dois (locutor e interlocutor), entretanto, para o locutor indicar a pedra a que se refere, usa o deíctico **leriya** apontando para (pedra 2). Neste caso, a pedra situa-se fora do centro deíctico. O selector 3 (**-ya**) é que estabelece esta distância entre o locutor e o objecto apontado.

Em (13c), pode-se ver na imagem que a distância entre a pedra 3 e os intervenientes do evento da fala (locutor e interlocutor) acentuou-se ainda mais. Para apontar para a pedra 3, o locutor alongou a vogal **/a/** do selector **-ya**, em **leriya** e passou

para *leriyaa* que aponta para uma pedra que se encontra muito mais além em relação à pedra 2 onde o locutor usou o deíctico *leriya*.

(14)

- a. Ninyiketi xikhwa **lexo lanu** ungatshama kona. (Cl.7) 'Entrega-me essa faca aí onde estás sentada.' (faca 1)
- b. *Ninyiketi xikhwa **lexi** lanu ungatshama kona. (faca 1)
- c. Ninyiketi xikhwa **lexiya**. 'Entrega-me aquela faca.' (faca 2)

Em (14a), o locutor faz apelo para que o seu interlocutor lhe faça chegar a (faca 1) que está próximo dele (interlocutor). Podemos notar o uso do deíctico **lexo** 'essa' que integra o selector 2 (-o). De referir que **lexo** por si só já carrega consigo a implicação pragmática de **lanu** 'aí' que é o espaço do interlocutor. Podemos ainda ver na imagem que a faca em causa (faca 1) encontra-se a uma distância afastada do locutor mas próxima do interlocutor. O exemplo em (14b) mostra a agramaticalidade causada pela má combinação do deíctico **lexi** selector 1 (ø) que aponta para objecto próximo do locutor e **lano** que aponta para um espaço longe deste mas próximo do locutor.

Em (14c) está patente o exemplo do uso do deíctico **lexiya** para mostrar que a faca que o locutor se refere encontra-se a uma distância afastada dele e do interlocutor. Para que o seu interlocutor lhe entregue a faca, há necessidade de fazer duas viagens nomeadamente para o local onde está a faca e de seguida em direcção ao locutor.

Buhler (1934) refere que a dêixis espacial assinala os elementos espaciais, tendo como ponto de referência o lugar em que decorre a enunciação. Neste caso, evidencia-se a relação de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo locutor. Esta abordagem sustenta a ideia de que o xikhwa **lexo** 'essa faca' em (14a) e xikhwa **lexiya** 'aquela faca' em (14c) são codificados tendo em conta o local de enunciação (CD).

(15)

- a. Ninyiketi xikhwa **lexiya le**. 'Entrega-me aquela faca mais além. (faca 3)
- b. Ninyiketi xikhwa **lexiyaa**. 'Entrega-me aquela faca ali mais além. (faca 3)
- c. *Ninyiketi xikhwa **lexiya**. (faca3)

Em (15a), podemos ver que a faca 3 encontra-se numa distância muito mais afastada dos interlocutores em relação à faca 2. Por isso, para distinguir e mostrar a graduação desta distância, o locutor do enunciado optou pela combinação de dois

deícticos **lexiya** e **le**. Com a estratégia usada para este caso, o locutor pretendia mostrar que a faca 3, encontra-se a uma distância muito mais afastada dos interlocutores em relação a faca 2. O **le**, neste contexto, intensifica ou gradua a distância expressa pelo deíctico **lexiya**.

A outra forma aceite para o caso da (faca 3) é o alongamento da vogal final /a/ tal como pode ser visto no exemplo em (15b).

Apesar dos deícticos **lexiya** e **le**, de forma independente, apontarem para uma distância afastada dos locutores, a sua combinação só é aceite no Changana, se o deíctico **lexiya** estiver na posição adjacente ao nome e o **le** na posição periférica. O contrário causa agramaticalidade tal como ilustra o exemplo em (15c):

7. Uso transposto ou projectado da dêixis espacial

A dêixis espacial pode ter um uso transposto ou projectado através de constituição de um campo mostrativo imaginado. Este uso é realizado num espaço evocado mentalmente pelo locutor supondo que o interlocutor conhece o lugar em questão e que pode também transpor-se ou projectar-se mentalmente para esse lugar.

(16)

Akampu ya Bedene, wayivona yindlu **liya** ya kubasa hi tlhelo ra xinene loko ukhaluta bazara? Hi **kolahaya** kaya ka mina. 'No campo de Bedene, estás a ver aquela casa branca, à direita, depois de passar o mercado? É ali mesmo a minha casa.'

O exemplo em (16) é um caso evidente da dêixis transposta ou projectada uma vez que tanto o locutor quanto o seu interlocutor não estão na zona de Bedene mas através da memória comum que têm sobre a zona, eles se projectam para lá apontando para os lugares como se os estivessem a visualizar.

(17)

Waxivona xitolo **lexiya** ingahali Casa Fabião, **lahaya** Alto Maé? Se i banku. 'Estás a ver aquela loja que era Casa Fabião ali no Alto Maé? Já é um banco.'

Mais uma vez, no exemplo (17) estamos perante uma projecção dos interlocutores que criam um campo mostrativo *in absentia*, onde falam do Alto Maé e loja de nome Casa Fabião e apontando-os usando os deícticos espaciais **lexiya** e **lahaya** como se estivessem no local ou próximo dele.

(18)

Mufana **lwiya** wa karhata mani. ‘Aquele rapaz é complicado.’

O exemplo em (18) sugere-nos duas interpretações do uso da dêixis espacial **lwiya**. Neste enunciado, por um lado, pode-se interpretar que o locutor usa o **lwiya** para apontar para um *mufana* ‘rapaz’ presente no acto de enunciação, num contexto em que o tal pode ser contemplado do ponto de vista visual pelos interlocutores. Por outro lado, pode estar a usar o **lwiya** para apontar ou “referir-se’ a um *mufana* ‘rapaz’ ausente no evento da fala. O conhecimento partilhado da pessoa de que eles falam, neste caso vertente o *mufana*, possibilita o apontar ou a indicação dele, mesmo ausente.

7.1. Advérbios de lugar variáveis

Em relação aos advérbios de lugar variáveis, importa referir que tomam as terminações dos demonstrativos para indicar mais ou menos proximidade ou afastamento espacial em relação as pessoas do evento de fala. Siteo (1984/85) refere que o uso de selectores 1 (\emptyset), 2 (-o) e 3 (-ya) é justamente para mostrar proximidade ou afastamento do locutor ou interlocutor em relação a coisa de que se fala.

Quadro nº: 3 Advérbios de lugar variáveis

Selector 1 (\emptyset) Indica o lugar onde se encontra locutor ou interlocutores, às vezes o centro deíctico.		Selector 2 (-o) Indica o lugar onde se encontra o interlocutor ou próximo do mesmo.		Selector 3 (-ya) Indica o lugar afastado de onde se encontram os interlocutores.	
<i>Changana</i>	<i>Português</i>	<i>Changana</i>	<i>Português</i>	<i>Changana</i>	<i>Português</i>
<i>halenu/ seni</i>	<i>cá/ aqui</i>	<i>halano/ seno/seyo</i>	aí	<i>Seniya</i>	<i>acolá</i>
<i>lani/ la</i>	<i>aqui</i>	<i>lano /laho</i>	aí	<i>le /hala</i>	<i>alí/acolá</i>
<i>Lomu</i>	<i>aqui dentro</i>	<i>lomo</i>	aí dentro	<i>Lomuya</i>	<i>acolá dentro</i>
<i>Laha</i>	<i>aqui</i>	<i>laho</i>	aí	<i>Lahaya</i>	<i>acolá</i>

Fonte: Elaboração própria

7.2. Deícticos adverbiais espaciais

Nesta secção iremos discutir e analisar os deícticos adverbiais do espaço. A apresentação da discussão e análise destes deícticos será feita em subsecções.

5.2. *seni* ‘cá’, *seniya* ‘lá’

(19)

Zikofu aadakwile svineni loko afamba adedereka ata *seni* na aya *seniya*.

‘O Zikofo estava muito embriagado e quando andava, cambaleava para **cá** e para **lá**.’

O exemplo em (19) sugere uma alternativa entre dois espaços em relação a um ponto de referência. Notamos aqui um movimento repetitivo feito por Zikofu. Assim, diz-se que há uma deslocação, uma mudança de lugar, uma agitação frenética próxima e afastada do locutor segundo nos dá entender a semântica dos deícticos *seni* e *seniya*.

O deíctico *seni* indica “movimento ventivo (em direcção ao locutor)” e *seniya* um “movimento itivo (em direcção oposta à do locutor)”. Partindo deste pressuposto, podemos ter outra interpretação do enunciado em (19). O locutor encontrava-se distante da cena e era neutro em relação ao evento, quis apenas mostrar que o movimento feito por Zikofu era feito ora para cá, ora para lá.

No exemplo (19) pudemos testemunhar, na primeira interpretação do enunciado, o uso do deíctico *seni* apontando para uma posição próxima do locutor mas o exemplo abaixo em (20) mostra um outro cenário.

(20)

Godido aye *seni* Damaso. ‘Godido foi para lá no bairro São Dâmaso.’

O exemplo em (20) pretende mostrar que o deíctico *seni*, para além de apontar para o lugar próximo do locutor, aponta também para o espaço afastado dele. O Dâmaso a que ele se refere não é o local onde está, senão teria usado o verbo kuta ‘vir’ que indica uma direcção ao local onde se encontra o locutor, opondo-se a kuya ‘ir’ direcção afastada dele.

halenu ‘cá’, *hala* ‘lá’ e *halano* ‘ai’

(21)

Halenu handle kahanyiwa. ‘cá fora se vive.

Em (21), *halenu* significa proximidade do espaço em relação ao local onde o locutor se encontra e não se refere a um espaço geográfico específico mas sim a um espaço vasto que inclui também o centro deíctico.

A seguir mostramos um outro exemplo, no contexto da linguagem familiar:

(22)

Halenu ka hina svitshamisekile. ‘Cá do nosso lado está tudo bem.’

Em (22), mais do que um lugar físico, o **halenu ‘cá’** sugere um espaço psicológico. Neste caso, o locutor não faz referência a um espaço físico mas sim a um posicionamento ou uma tomada de partido em relação a um certo assunto.

(23)

Lo yini wutomi **halano** kaTembe? ‘Como vai a vida aí em KaTembe?’

Em (23) pretendemos mostrar que o uso do deíctico **halano** com o selector 2 (-o) mostra inequivocamente que KaTembe é o local onde o interlocutor se encontra.

A seguir apresentamos o uso de **hala**.

(24)

Lava vafambelaka **hala** tihandle vasvitiva lesvaku kahisa.

‘Os que andam lá fora sabem que aquece’.

Em (24), o **hala** não é um lugar determinado, remete-nos para um lugar psicológico distante do espaço ocupado pelo locutor. Trata-se de um lugar longínquo, indefinido, mas vasto. Neste enunciado, o **hala**, refere vários locais, recobrando uma grande extensão.

(25)

Lava vafambelaka **hala** vasvitiva lesvaku kahisa.

‘Os que andam por lá sabem que aquece’

No exemplo em (25), o **hala** sem especificação do local mas que se supõe ser do conhecimento do interlocutor, interpreta-se como um local calculado em relação ao oposto do local onde se desenrola o diálogo.

5.4. **lani/la ‘aqui’ , lano ‘aí’ e lahaya ‘ali, acolá’**

Os deícticos **lani/la, lano e lahaya são usados para** distinguir proximidade ou afastamento do locutor em relação ao espaço do qual ele fala.

O deíctico **lani ‘aqui’** indica o centro deíctico ou o espaço ocupado pelo locutor e **lano ‘aí’** o espaço afastado do locutor mas próximo do interlocutor, **lahaya** o espaço afastado dos interlocutores.

(26)

Lani ku kahle, kambe **hala** henhla kutitimela sitereka.

‘**Aqui** está bom mas **lá** em cima está muito frio.’

Em (26) o locutor usa o deíctico **lani** 'aqui' para mostrar que o lugar do qual fala é o centro deíctico, isto é, aponta para o espaço onde se encontra. O deíctico **hala** 'lá' especifica outro local, distinto do centro deíctico.

(27)

Naheta cana **lani** mezeni. 'Traga chá aqui à mesa.'

O exemplo em (27), pelo uso do **lani**, mostra que o locutor está à mesa, o lugar para onde o interlocutor deve levar o chá. Basta apenas o interlocutor saber onde é o centro deíctico para localizar a mesa uma vez que o deíctico **lani** convida o interlocutor para o espaço onde se encontra o **eu** enunciador. Mesmo que o interlocutor não estivesse a ver o locutor, guiado pela sua voz saberia para onde levar o chá.

(28)

Naheta cana **lani** ni nga kona. 'Traga chá aqui onde estou.'

Em (28), o uso do deíctico **lani** selector 1 (\emptyset) como **ninga kona** 'onde estou' é redundante pois os dois apontam para o centro deíctico, tal como o verbo **kunaheta** 'trazer' o faz. Provavelmente o locutor, assim o tenha feito para imprimir maior vigor à sua ordem ou solicitação.

lani e **laha** são sinónimos e ambos significam 'aqui'. **La** corresponde a forma abreviada dos dois e todos apontam para o centro deíctico. Os exemplos (29 a,b,c) abaixo são ilustrativos.

(29)

a. **Lani** mugodini kafiwa. 'Aqui nas minas morre-se.'

b. **Laha** mugodini kafiwa. 'Aqui nas minas morre-se.'

c. **La** mugodini kafiwa. 'Aqui nas minas morre-se.'

(30)

La KaMaputsu hihanya khwatsi. 'Aqui em Maputo vivemos bem.'

O exemplo em (30) mostra que o locutor encontra-se no espaço do qual ele fala no momento de enunciação, que é Maputo, daí que há pertinência do uso do deíctico **la** 'aqui' no enunciado.

(31)

La Johana ka kusuhi wutomi layampsa.

'Aqui perto, na África do Sul a vida é razoável.'

Apesar do deíctico **la** apontar para o centro deíctico tal como mostra o exemplo em (30), o mesmo deíctico em (31) sugere um espaço afastado do centro deíctico e nota-se a

projecção do locutor à África do Sul estando numa região fora mas relativamente perto deste país.

(32)

a. Ninyiketi mukwa **lano** ndzhaku ka wena. 'Entrega-me essa faca aí atrás de ti.'

b. Ninyiketi mukwa **lowo lano** ndzhaku ka wena. 'Entrega-me essa faca aí atrás de ti.'

Em (32a), o deíctico **lano** leva o selector 2 (-o) para indicar lugar longe do locutor mas perto do interlocutor. Em (32b) pretendemos mostrar o uso simultâneo dos deícticos **lowo** 'esse/a' e **lano** 'aí'. Podemos notar neste exemplo a existência do selector 2 tanto no demonstrativo **lowo** como na forma adverbial **lano**. Ambos apontam para um referente e espaço afastados do locutor mas próximos do interlocutor.

Lano é sinónimo de **laho**, ambos significam 'aí'. A existência do selector 2 em ambos deícticos sugere um lugar longe do locutor mas perto do interlocutor. Os exemplos em (33a,b) são ilustrativos.

(33)

a. Ka xitulu lexo **lano** utawa. 'Há-de cair nessa cadeira aí.'

b. Ka xitulu lexo **laho** utawa. 'Há-de cair nessa cadeira aí.'

(34)

Niya **lahaya ka nsinya wa manga**. 'Vou ali à mangueira.'

A frase em (34) mostra que, ao usar o deíctico **lahaya**, o locutor fala de um espaço/lugar afastado dele e do interlocutor, um espaço onde os dois podiam estar ou não em condições de alcançar com a vista. Neste exemplo, o uso do **ka nsinya wa manga** 'à mangueira' encerra um vazio e responde a uma questão provável de se levantar como é o caso de **lahaya kwini?** 'ali aonde?'

6. Expressões deícticas espaciais com valor temporal

Os deícticos espaciais em Changana, para além de servirem para referir espaço, também servem para referir tempo. Nesta secção, pretendemos discutir e mostrar através de dados fornecidos pelos informantes como este fenómeno ocorre nesta língua.

(35)

Laha, hitavulavula hi vayivi ka muganga lowu. 'Aqui/Agora, falaremos dos ladrões neste bairro.'

Como podemos ver no exemplo (35), o **laha** pode ser interpretado numa dimensão espacial ou temporal, conforme mostra a sua tradução. A função primária destes deícticos é a de indicarem espaço.

(36)

Kusukela **kola** anahakulavi la kaya ka mina.

‘A partir daqui/de agora não te quero mais aqui na minha casa.’

O exemplo em (36) mostra que o locutor usa o deíctico **kola** que é espacial por excelência para se referir ao tempo. Como se pode ver, o deíctico **kola** é usado neste exemplo não para mostrar o ‘aqui’ mas sim o ‘agora’ que pressupõe tempo.

Considerações finais

Chegado ao fim do nosso estudo sobre **as nuances do uso da dêixis espacial em Changana**. O trabalho tinha como objectivo analisar os processos morfológicos, semânticos e pragmáticos que se operam na utilização dos deícticos espaciais no seio dos falantes do Changana. Os falantes do Changana usam várias classes de palavras para expressar a dêixis espacial nomeadamente, demonstrativos e Advérbios.

No uso da dêixis espacial, os falantes do Changana possuem estratégias morfológicas para mostrar maior ou menor afastamento dos objectos dos quais se fala em relação aos interlocutores. Em relação a este assunto, refira-se que há processo morfológicos que se operam em Demonstrativos e Advérbios de lugar. Este processo permite com que os falantes distingam se os objectos dos quais se falam encontram-se afastados ou próximos do locutor, do interlocutor ou dos dois.

Concluimos ainda que para além do uso de selectores 1 (\emptyset), 2 (-o) e 3 (-ya) usados para mostrar afastamento ou aproximação dos objectos referidos em relação aos interlocutores os falantes do Changana usam os deícticos espaciais nesta língua para se referirem ao tempo para além do espaço.

REFERÊNCIAS

- Bechara, E.(2004). *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Buhler, K. (1934). *Sprachtheorie: die darstellungsfunktion der sprache*. Jena: Fischer.
- Cavalcante, M. M. (2000). *Expressões indiciais em contexto de uso: por uma caracterização dos deícticos discursivos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em letras e Linguística, UFPE.

Cunha, C. F. da & Cintra, Luís F. L. (2008). *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

Ehlich, K. (1982). *Anaphora and deixis: same, similar, or different?* In: JARVELLA, R.J. Fonseca, F. (Org.) 1992. *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Lahud, M. (1979). *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática.

Ngunga, A. (1998). (Ms). *Investigação linguística como um exercício de relações humanas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

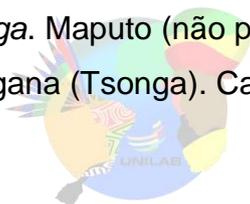
Ngunga, A & Simbine, M. C. 2012. *Gramática descritiva da língua changana*. Col. "as nossas linguas" V. Maputo: CEA/Universidade Eduardo Mondlane.

Sitoe, B. ; Ngunga, A. (2000). *Relatório do II seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Separata da Língua Changana*. Maputo: Centro dos Estudos das Línguas Moçambicanas (NELIMO), Universidade Eduardo Mondlane.

Sitoe, B. (1996). *Dicionário Changana - Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE).

Sitoe, B. (1984/85). *Cadernos Tsonga*. Maputo (não publicado).

Ribeiro, A. (1965). *Gramática Changana (Tsonga)*. Caniçado, Editorial Evangelizar.



Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023

Para citar este texto (ABNT): CUMBANE, Rosário Inácio. As nuances do uso da dêixis espacial em Changana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.42-61, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Cumbane, Rosário Inácio. (out. 2023). As nuances do uso da dêixis espacial em Changana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 42-61.